**Luis Mauro Sá
Martino**

Docente do Programa
de Pós-Graduação em
Comunicação da Facul-
dade Cásper Líbero.

**Dimensões e limites
da interdisciplinaridade nas
Teorias da Comunicação**

**Dimensions and limits of
interdisciplinarity in
Communication Theories**

**Dimensiones y limites de la
interdisciplinaridad en las
Teorías de la Comunicación**

RESUMO

A questão da interdisciplinaridade é um tema recorrente nos estudos de Comunicação. Este artigo delinea algumas possibilidades institucionais e epistemológicas da interdisciplinaridade. A partir de pesquisa bibliográfica, sugere-se que a Comunicação tem sido “multidisciplinar”, mas raramente “interdisciplinar”, conquanto fronteiras disciplinares raramente são cruzadas. O argumento estende-se em três direções: (1) no aspecto epistemológico, a definição de “interdisciplinaridade” não ultrapassa a justaposição de disciplinas; (2) em termos institucionais, a área foi criada a partir da aglutinação, e não pela intersecção de saberes diversos; (3) na dimensão pedagógica, a Teoria da Comunicação, como disciplina, reflete essas questões em suas próprias indefinições conceituais.

Palavras-chave: teoria da comunicação; epistemologia; interdisciplinaridade; pesquisa.

ABSTRACT

Interdisciplinarity in Communication Studies has drawn the attention of many researchers in the last decades. This paper outlines some epistemological and institutional possibilities of interdisciplinarity in Communication. Grounded on literature review, it suggests that Communication is often “multidisciplinary”, but rarely “interdisciplinary”, as disciplinary boundaries are seldom crossed. The argument goes threefold: (1) as a field of enquiry, disciplinary juxtaposition is not enough to characterize interdisciplinarity in Communication; (2) the area has been institutionally created by an agglutination of disciplines, not an intersection of them; (3) as an academic discipline, Communication Theory, which should provide the repertoire for the area, reflects these ambiguities of the field.

Keywords: communication theory; epistemology; interdisciplinarity; research.

RESUMEN

La interdisciplinariedad es un tema recurrente en los estudios de comunicación. En este artículo se ponderan algunas posibilidades institucionales y epistemológicas de la interdisciplinariedad. A partir de pesquisa bibliográfica, se sugiere que la comunicación ha sido “multidisciplinar”, pero raras veces “interdisciplinar”, mientras que las fronteras disciplinarias raramente se cruzan. Se entiende que (1) como una dimensión epistemológica, la yuxtaposición disciplinaria no es bastante para caracterizar la “interdisciplinariedad” en la Comunicación; (2) institucionalmente, el área fue creado a partir de una aglutinación política de saberes, no por la intersección epistemológica de conocimientos; (3) en términos pedagógicos, la Teoría de la Comunicación, como disciplina, refleja estas cuestiones en sus propias incertidumbres conceptuales.

Palabras clave: teoría de la comunicación; epistemología; interdisciplinariedad; investigación.

Submissão: 22-2-2016

Decisão editorial: 8-2-2017

Introdução

O tema da interdisciplinaridade tem uma recorrência periódica nos estudos de Comunicação. Apresentado, às vezes, como uma premissa fundamental da pesquisa na área, às vezes como um problema que beira a impossibilidade, o assunto tem ampla circulação. Como recordam Braga (2001, 2014), Boaventura (2012) e Martino e Boaventura (2013), a caracterização da área como “interdisciplinar” basta, em alguma medida, para a inserção dessa temática.

Nos anos 1990, textos de Lopes (1999), Sholle (1995), Streeter (1995), Craig (1999), Alves (1999) e Locker (1994) colocaram a questão dentro de uma perspectiva crítica. No início dos anos 2000, no Brasil, o tema foi objeto de debates entre Braga (2001), L. C. Martino (2001a, 2001b, 2003) e Lopes (2003). O tema retorna cerca de dez anos depois, em textos de Lopes e Magalhães (2012), L. M. S. Martino (2012, 2013), Boaventura (2012, 2014), Martino e Boaventura (2013) e Braga (2014), dentre outros.

De fato, a pluralidade de aportes teóricos que transitam pela área da Comunicação, variando da Linguística às Neurociências, ou da Psicanálise à Filosofia, com certo predomínio da Sociologia, da Análise de Discurso e da Semiótica, cada um com suas ramificações, pode indicar a caracterização da área como interdisciplinar.

Neste texto, gostaria de balancear algumas proposições a respeito das condições e práticas interdisciplinares nos estudos de Comunicação, sugerindo que, de fato, há pouca interdisciplinaridade na Comunicação, na medida em que as pesquisas na área tendem a filiar-se a recortes teóricos definidos, com poucas intersecções entre eles.

A proposta, a partir de pesquisa bibliográfica, além de avançar esse argumento, delinea as possibilidades de um aporte interdisciplinar em Comunicação a partir da articulação tensional entre as premissas epistemológicas da área e suas condições de realização institucional.

Não se trata, de saída, de ter uma posição "contra" ou "a favor" da interdisciplinaridade, mas indicar alguns problemas e possibilidades. Também não se está questionando a interdisciplinaridade em si; ao contrário, justamente por reconhecer sua urgência e necessidade é necessário observar criticamente as condições para eventualmente torná-la possível.

Escreve-se como participante desse debate e integrante de suas dinâmicas. Procura-se contribuir com o debate avançando uma posição aberta à revisão e reconsideração.

O ponto de partida é, como em outros momentos (MARTINO, 2012), um tensionamento entre o epistemológico e o institucional: de um lado, os estudos de Comunicação formaram-se a partir de referenciais teóricos diversos que, na pluralidade de objetos empíricos, raramente se entrecruzaram, acomodando-se em uma justaposição com poucos recortes transversais; por outro lado, a configuração institucional da área de Comunicação organiza-se de maneira eminentemente disciplinar, com cursos de graduação

e pós-graduação elaborados sobre as disciplinas, as “matérias”, dentro de uma “matriz curricular”.

Qual é a interdisciplinaridade possível diante dessas condições?

Essa questão pode ser desdobrada em outras. O que há, de fato, de “interdisciplinar” na Comunicação? Quando falamos em “interdisciplinaridade” na Comunicação, a que de fato estamos nos referindo? Às trocas entre conteúdos entre disciplinas nos cursos de Comunicação? Ou a uma “disciplina” chamada “Comunicação”, apta, portanto, ao diálogo com outras disciplinas? Mas, nesse caso, o que a Comunicação oferece a outras disciplinas? Ao mesmo tempo, a “Comunicação” designa também uma área do Conhecimento que transpõe, como recorda Lopes (1999, 2004), um aporte estritamente disciplinar, constituindo-se em algo maior do que isso.

Em seu sentido corrente nas instituições de ensino, a “Comunicação” não é uma “disciplina”, mas um curso universitário, composto por várias disciplinas. Um aspecto do “interdisciplinar” na Comunicação pode ser atribuído a essa perspectiva: o curso, em si, é composto de inúmeras disciplinas, muitas delas voltadas para estudos externos à Comunicação, o que indicaria o aspecto interdisciplinar da área. No entanto, em que medida esse tipo de diálogo acontece no interior dos cursos, uma vez que disciplinas, e mesmo departamentos, nem sempre se alinham para a circulação aberta de saberes?

Evidentemente não há a pretensão de responder a todas estas questões neste texto. O que se procura, formulando perguntas, é observar uma dimensão desses questionamentos sobre interdisciplinaridade dentro da área. O texto desdobra essa questão em

três dimensões que se relacionam em termos de estreitamento de foco: (1) as problemáticas disciplinares da Comunicação como saber constituído; (2) os problemas da Comunicação como área do conhecimento e (3) a questão da interdisciplinaridade no âmbito dos cursos de teoria da Comunicação.

O tensionamento entre saber e disciplinaridade

De um ponto de partida beirando o truísmo, todo conhecimento é interdisciplinar. A delimitação de fronteiras a respeito da realidade, do que e como pode ser conhecido, é uma construção teórica desenvolvida para a compreensão de um número limitado de fenômenos. Não há disciplinas autoevidentes ou autojustificáveis, criadas por demanda da realidade.

Conforme indica Bachelard (2005), a delimitação de um fenômeno para ser estudado a partir de um ponto de vista decorre, em boa medida, desse ponto de vista em si – mesmo quando, uma vez objetivado, não se tem mais consciência disso.

Daí, prossegue o autor, a necessidade de investigar a formação das ciências para realçar como foram construídos modos de apreensão dos fenômenos por um modo de conhecer. As modalidades do conhecimento são responsáveis pela produção – a palavra “invenção” talvez fosse mais adequada – de seus objetos de conhecimento e, na modularidade deste, dos objetos empíricos.

Do ponto de vista de uma Teoria do Conhecimento, como destaca Morin (2007, 2015), o saber possível da realidade é ao mesmo tempo caótico e organizado, cognoscível e inapreensível. A noção de “complexidade” refere-se, dessa maneira, a um ponto

de vista que, desafiando o paradoxo, inclui entre o conhecimento a consciência do que não pode ser conhecido – saber que não podemos saber. Além disso, argumentar a respeito da pureza epistemológica de algum tipo de conhecimento seria, de um lado, desconsiderar os cruzamentos na história desse conhecimento e, por outro lado, sugerir que é possível um discurso completamente autônomo.

No exercício de olhar para a realidade, a visão ligada a uma “razão impura”, como denomina Cruz (1986), dificilmente conseguiria separar as diversas referências constitutivas do que se vê. Desnaturalizada essa apreensão compartimentada, desmantelada essa “violência classificatória”, nas palavras de Gutierrez (2006), é possível começar a exploração da questão.

Braga (2001) indica três sentidos usuais para a noção de “interdisciplinaridade”. O primeiro refere-se a esse elemento “interdisciplinar” de todo conhecimento, o que tornaria redundante classificar assim a Comunicação; segundo, como “espaço de interface”, no sentido de uma “Psicossociologia” ou “Bioquímica”. Finalmente, o que interessa diretamente a esta discussão, a ideia de um “cruzamento de disciplinas” que, em seus entroncamentos, formariam a identidade da área de Comunicação – uma “interdisciplinaridade etérea” (Braga, 2001, p. 30).

Esse terceiro ponto, se não é reconhecido de direito, o é de fato, na medida em que as pesquisas em Comunicação, em sua variedade, só muito tangencialmente poderiam ser agrupadas em torno de um mesmo núcleo de proximidades temáticas – não seria o caso de falar em “objeto”.

Como recorda Villaroel Venturini (2007, p. 9-10), o “multidisciplinar” mantém a perspectiva disciplinar,

mas reconhece que o problema demanda mais de um olhar; o enfoque “interdisciplinar” igualmente respeita a perspectiva disciplinar, mas procura transversalidades e diálogo entre elas; finalmente, a proposta transdisciplinar, que “aspira a definir el problema mismo que interesa estudiar de una perspectiva multidimensional”. No entanto, o autor já indica que o enfoque “transdisciplinario” acaba por implicar uma “diluición de la identidad disciplinaria”.

Nesse cenário, as possibilidades de atuação interdisciplinar, recorda Morin (2007), não exigem apenas uma colaboração entre disciplinas, mas uma reestruturação das modalidades de conhecimento, integrando não só “áreas do Conhecimento” ou disciplinas, mas algo maior, os modos de conhecer.

Se esse raciocínio está correto, será possível questionar até que ponto é possível falar de interdisciplinaridade em espaços caracterizados por uma organização epistemológica e institucional delimitada por aportes disciplinares.

É questionável, nesse sentido, a delimitação específica desse domínio.

O nascimento de novos olhares sobre a realidade, constitutivos de novos saberes, relacionam-se com diversas variáveis, vinculadas ao que Foucault (2006) denomina a “episteme” de uma época. A delimitação epistemológica dessas áreas dá-se, em termos de Bachelard (2005), na perspectiva de uma “ruptura” com áreas anteriores e a consequente identificação dos termos que propriamente caracterizam essa quebra, mais ou menos radical.

Do ponto de vista institucional, essa ruptura consolida-se no momento em que a nova ciência é dotada de uma legitimidade entre os pares – em geral,

os saberes já estabelecidos erigidos como “ciências” e, portanto, definidores dos elementos modais responsáveis pelo julgamento do novo – e pela admissão em espaços acadêmicos. O sistema de criação de cátedras, cursos universitários, programas de pós-graduação, distribuição de subsídios, premiações e alocação de espaços acadêmicos (e espaços físicos, indício do prestígio de uma atividade) são índices dessa institucionalização, que, integrada com a questão epistemológica, é fundamental para a constituição de uma nova área.

Nas palavras de Sholle (1995, p. 137), a “interdisciplinaridade” nos estudos de Comunicação geralmente refere-se à “justaposição de várias disciplinas”, deixando intocada outras questões teóricas e materiais. Isso, lembra Fazenda (1991), não constitui um saber “interdisciplinar”; no máximo, “multidisciplinar”. A observação dos estudos da área, bem como de sua constituição como “campo” (LOPES, 2003), reforça essa proposição.

Nesse sentido, Locker (1994) indica uma série de entraves e possibilidades na produção de um conhecimento interdisciplinar em Comunicação, trabalhados também por Martino e Boaventura (2013). A prática cotidiana da pesquisa, em suas condições e situações específicas, gera certa insularidade disciplinar: o conforto e a segurança de se trabalhar com um repertório familiar não é fácil de ser abandonado. Significa procurar articular os referenciais de outras áreas, conhecer seus meandros e as possibilidades de encontrar pontos comuns, assim como estabelecer as divergências. Como recordam os autores (LOCKER, 1994; MARTINO; BOAVENTURA, 2013), isso demanda mais tempo, novos riscos e esforços de pesquisa –

elementos ligados às condições de produção do conhecimento ou, em outros termos, às articulações tensionais entre a epistemologia e a institucionalização.

Examinando os aportes teóricos presentes na área, Alves (1999, 2000) caracteriza-a como “interdisciplinar”, tendo sua unidade na apropriação de conceitos de outras disciplinas para constituir-se. A interdisciplinaridade, para o autor, deriva da existência – o reconhecimento institucional – de uma “área de Comunicação” que tem, em sua formação e dinâmica, o aporte de várias disciplinas.

Boaventura (2012), Martino e Boaventura (2013), a partir de um delineamento da história da interdisciplinaridade e sua institucionalização – o que não deixa, em si, de sugerir um paradoxo – indicam o que entendem ser suas fragilidades epistemológicas, como a indefinição do que é uma “disciplina” e por que o conhecimento disciplinar estaria ultrapassado ou equivocado.

É possível questionar, nesse sentido, algumas das condições disciplinares de formação da área.

A questão disciplinar na origem da área de Comunicação

Lopes (2006), escrevendo no início dos anos 2000, indicava os problemas de uma interdisciplinaridade do campo da Comunicação. Ecoando uma Sociologia da Ciência proposta por Bourdieu, apontava a possibilidade de uma “transdisciplinaridade”, em diálogo com Wallerstein (1996).

No entanto, mais de uma década depois, ao que tudo indica, o caráter disciplinar da área se acentua, paradoxalmente, à medida que se observa certa naturalização da noção de interdisciplinaridade, isto é,

a ideia de que a divisão disciplinar da Comunicação é uma característica intrínseca destes estudos, talvez mesmo um de seus principais traços (MARTINO, 2001a; 2003; BRAGA, 2014).

A perspectiva de apresentar a área como “interdisciplinar” coloca em jogo a ideia de se pensar as características da Comunicação, exceto de maneira negativa, como uma área que teria, como especificidade, não ter nada de específico.

É possível observar isso a partir da “definição empírica” do interdisciplinar em suas condições de origem e institucionalização, seguindo uma pista proposta por Luiz C. Martino (2001b, p. 65). Neste item, a perspectiva é situar o que se entende pelo termo a partir de sua institucionalização, sobretudo universitária.

A definição do objeto de conhecimento, dos referenciais teóricos e dos objetos empíricos da área obedeceu a demandas particulares de pesquisa, de modo que os contornos da área não se formaram pela referência a um fenômeno, objeto ou acontecimento, mas pela aglutinação de pesquisas de outras áreas do saber (SOUSA; GERALDES, 2009; ROSA, 2009; CHRISTINO, 2012).

Ao que tudo indica (MARTINO, 2013; 2015), não chegou a existir, na gênese dos estudos de Comunicação, uma preocupação propriamente “interdisciplinar”, no sentido de buscar quaisquer perspectivas que se caracterizassem pela transversalidade de saberes interseccionados para a formação de um objeto e de referenciais para compreendê-lo.

A área de Comunicação foi formada, dessa maneira, por aportes diversos de outras disciplinas, cada uma delas definindo seu próprio objeto – e nomeando-o como “comunicação” ou como “mídia”

– e apreendendo-o dentro de seus limites teóricos específicos.

No caso norte-americano, os aportes foram predominantemente sociológicos e psicológicos, aos quais se somaram, nas pesquisas europeias, a visão filosófica, em um primeiro momento, e linguística-semiótica na sequência cronológica. No entanto, há poucos cruzamentos entre elas, e mesmo em seu interior é possível encontrar mais dissensos do que consensos.

Na formação da área de Comunicação no Brasil, como já explorado em outros momentos (MARTINO, 2012, 2013, 2015), demandas institucionais e políticas aparentemente tiveram proeminência sobre as questões epistemológicas, tendo a área sido fundada primeiro em termos institucionais para, a partir daí, serem pensados seus fundamentos e pressupostos de caráter teórico.

Criada a área de Comunicação, foram elaborados os aportes teóricos que se desenvolvem muito mais ao redor dos aportes de cada disciplina do que em torno de recortes comuns. Nota-se, no exame da bibliografia da área, pouco trânsito de saberes entre esses recortes disciplinares: cada área do saber mantém-se enclausurada nos princípios epistemológicos que lhe são próprios, com pouco diálogo com outras propostas. O resultado é a formação de um panorama teórico vasto, mas com poucas interseções que permitam traçar linhas gerais de uma área (HICKSON; STACKS, 1993; MARTINO, 2012).

A apropriação de objetos no espaço “entre” as disciplinas, se é possível compreender a noção de “interdisciplinaridade” dessa maneira, não parece ter sido um mote da área.

Não existe, no entanto, uma perspectiva propriamente “interdisciplinar” no sentido de pensar estratégias e modalidades de criação de um saber que ultrapassasse as fronteiras específicas das áreas de origem dos pensamentos fundadores. Como assinala Sodré (2014, p. 105), “a propalada mobilização multidisciplinar não tem nem a fecundidade nem a continuidade que se supunha meio século atrás, no auge da potência epistêmica da comunicação”.

O exame da bibliografia teórica sobre comunicação indica uma série de apropriações estritas de outras áreas do saber que se encontravam com um objeto, em geral os “meios de comunicação de massa” (em uma vertente sociológica) ou a “comunicação humana” (em perspectiva psicológica) a partir do qual se estudava “comunicação”. Os caminhos epistemológicos correm em paralelo, com poucas intersecções entre eles. A reunião disciplinar não se pauta na percepção de um significado comum para significativo “Comunicação”: ao contrário, sob esse nome são agrupados fenômenos diferentes, analisados de maneira diversa a partir de referenciais teóricos que não se relacionam.

Se a constituição de uma interdisciplinaridade prevê algum tipo de reconhecimento mútuo a respeito ao menos de premissas básicas a respeito do que se está estudando em um aporte constituído pela transversalidade de disciplinas, então seria possível questionar se, na ausência de pontos em comum – exceto a nomeação de vários fenômenos com poucas características semelhantes como “Comunicação” – ainda seria possível falar em uma interdisciplinaridade na Comunicação.

A Teoria da Comunicação como disciplina no espaço universitário

Lopes (2003) caracteriza o campo da Comunicação, em termos formais, como o espaço simbólico definido pelo conjunto de cursos superiores designados sob essa Área do conhecimento, na definição do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Esse conjunto desmembra-se, segundo a autora, em três elementos conforme sua relação com o conhecimento: a questão da pesquisa (produção), do ensino (reprodução) e da prática profissional (aplicação). Nesse espaço, aponta Streeter (1995), as demandas pela atuação disciplinar tendem a ser constantes: a organização de uma vasta e complexa rede de relações institucionais, burocráticas, pedagógicas e de pesquisa gravita em torno de disciplinas.

Os cursos de Comunicação compartilham com a área as possibilidades e limites no que tange às questões disciplinares (HICKSON; STACKS, 1993; LASORSA, 2002; LOZANO; VICENTE, 2003; MARTINO, 2013). Se a formação da área como espaço de concentração de estudos que se organizavam em torno de questões comuns, como visto no item anterior, foi caracterizada por uma justaposição de aportes disciplinares, a criação dos cursos de Comunicação, de alguma maneira potencializou esses elementos.

Craig (1999, p. 123) reforça que a pesquisa em comunicação “se tornou produtiva” a partir da importação de “fragmentos de várias outras disciplinas em sua própria cultura”. No entanto, prossegue, esses fragmentos não são suficientes, do modo como foram usados, para se organizarem de modo coerente em um “todo que seja mais do que a soma das partes”.

"Teoria da Comunicação", como notado anteriormente (MARTINO, 2012), designa ao mesmo tempo uma disciplina acadêmica e uma subárea dentro da área de Comunicação, além de, tangencialmente, poder ser aplicada a toda e qualquer elaboração teórica referente aos processos e fenômenos comunicacionais.

No entanto, quando nos voltamos para o nível das práticas universitárias de ensino e pesquisa, principal espaço contemporâneo de produção de conhecimento, a situação apresenta-se de modo diverso.

A organização universitária gira em torno de disciplinas, isto é, na delimitação de saberes específicos que devem circular em um espaço delimitado. Esses espaços são de difícil transposição, uma vez que estão baseados não apenas em questões epistemológicas, mas em vários níveis de relações de poder. Isso se torna um desafio, às vezes um problema, para a existência de qualquer "interdisciplinaridade" que ultrapasse a justaposição de conhecimentos ou, em termos mais cotidianos, a realização de atividades conjuntas.

Nas palavras de Barthes (1988, p. 23), ao identificar essa situação, "ciência é o que se ensina". Segundo ele, "a instituição determina diretamente a natureza do saber humano, impondo moldes de divisão e de classificação exatamente como uma língua, por suas 'rubricas obrigatórias' (e não apenas por exclusões), obriga a pensar de determinada maneira" (BARTHES, 1988, p. 23). E, nesse ponto, afirma-se a singularidade da epistemologia de cada ciência como possível justificativa para esse fechamento institucional.

No caso da Comunicação, existem raros momentos propriamente interdisciplinares. Há, na área, uma justaposição de disciplinas que raramente dialogam entre si.

Uma das principais característica do ensino, tal como se apresenta, é a divisão em matrizes curriculares e disciplinas, as “matérias”, que de alguma maneira constituem a narrativa epistemológica dos saberes articulados dentro da área – ou da prática profissional – à qual o curso se refere. Não raro, aponta Fazenda (1991), desse fato resulta certa insularidade disciplinar.

O esforço de superação dessa impermeabilidade caracteriza algumas das muitas e bem-sucedidas experiências interdisciplinares. Quando isso não acontece, a questão deriva para a percepção de que o conhecimento apresenta-se muito mais como um mosaico de saberes não relacionados do que um espaço de saberes dialogais com vistas à formação de sujeitos críticos.

Como recorda Locker (1994), o exercício interdisciplinar não ocorre em qualquer circunstância e, menos ainda, “naturalmente”, mas demanda seriedade e comprometimento no transbordamento das fronteiras disciplinares que possa promover, de fato, um trânsito de saberes. A interdisciplinaridade, nesse sentido, seria ao mesmo tempo uma atitude diante do saber e um procedimento metodológico-conceitual.

Os cursos de Comunicação, em sua acepção mais corrente, apresentam uma flutuação de origem: embora sejam cursos “de Comunicação”, não existe, propriamente, um curso no qual seja estudada a “comunicação” para a formação de “comunicólogos” – e é questionável até que ponto isso seria o caso, o que escapa à competência deste texto. Os cursos costumam ser divididos por conta de suas habilitações profissionais, com as coerentes adaptações das matrizes disciplinares em torno dessa formação.

Enquanto curso universitário, a “Comunicação” ganha outra dimensão em termos disciplinares, na medida em que um curso universitário é formado por disciplinas constitutivas das matrizes curriculares. A Comunicação, no âmbito dos cursos universitários, não é uma “disciplina”, mas um espaço de paralelos disciplinares que apropriarão determinados fenômenos – aos quais será dado o nome de “Comunicação” – em seus próprios campos.

No âmbito da pesquisa, essa pluralidade mostra-se como uma forma de uma elasticidade dos limites epistemológicos, responsável, a rigor, pela possibilidade efetiva de que inúmeros discursos teóricos transitem pela área de Comunicação com pouca solução de compromisso entre si. Nesse aspecto, Calhoun (2011, p. 1.481) atribui a “heterogeneidade” da área de Comunicação, entre outros fatores, ao alto trânsito de pesquisadores formados em outras áreas que, vindos para a Comunicação, “mantêm laços fortes” com seus campos de formação.

No nível cotidiano das atividades de orientação e avaliação de trabalhos acadêmicos, isso se observa nas dúvidas de pesquisadores e pesquisadoras sobre o “uso” de um autor ou a “aplicação” de teorias em suas investigações. Oriundos de outras áreas, esses conceitos e autores tendem a levar a um direcionamento para o interior dessas áreas, deixando a “comunicação” restrita ao nível do objeto empírico, geralmente de caráter midiático.

Esses momentos costumam ser de pânico para pesquisadores e autores, sobretudo nos estágios iniciais de sua formação: em vez de trabalharem com problemas comunicacionais, veem-se na contingência de desviar seu foco para estudar áreas com as quais

têm pouca ou nenhuma familiaridade – Ciências Sociais, Linguística, Análise de Discurso, Psicologia e Filosofia, para ficar apenas no terreno das humanas. E dominar o repertório dessas áreas como a “Comunicação”, por seu turno, ganha uma magnitude reduzida a um ou outro aspecto – o “epifenômeno”, como denomina Braga (2011), do que é de fato o estudo.

Um resultado disso, visível nas entrelinhas das práticas universitárias, é a ocorrência de uma dissociação entre teorias, conceitos e métodos que podem ser encontrados em algumas teses e dissertações. A importação acrítica de referenciais de outras áreas às vezes reflete-se na elaboração de trabalhos acadêmicos nos quais são justapostas ideias de vários campos sem maior reflexão ou consideração a respeito dos pressupostos acadêmicos. Assim, é possível encontrar em alguns trabalhos capítulos teóricos pautados em referenciais diferentes do referencial das análises.

É questionável, nesse ponto, se se está falando de uma proposta de fato “interdisciplinar” ou do mergulho em outra disciplina, seus conceitos e peculiaridades, para construir um olhar sobre um fenômeno denominado, a partir daí, comunicacional. Se tal for o caso, a abordagem continuará sendo “disciplinar”, mas em outra área – se estiver fazendo, por exemplo, “ciências sociais” em um curso de “comunicação”.

Mais ainda, é possível também questionar o aporte interdisciplinar quando se pensa, por outro lado, no trânsito entre saberes da Comunicação e de outras áreas. Ao que tudo indica, esse trânsito vem sendo realizado em um único sentido. A Comunicação importa inúmeros conceitos de outras áreas. No entanto, é difícil indicar um conceito, oriundo da área de Comunicação, mencionado ou adotado por outra

área do conhecimento. Dessa maneira, a interdisciplinaridade direciona-se, ao que tudo indica, para a importação de conceitos e teorias reorganizados e justapostos na Comunicação.

Isso de modo algum elimina a possibilidade de se construírem resultados brilhantes: apenas se procura aqui sublinhar o que se apresenta como um problema epistemológico subjacente. “O simples fato de que pessoas fora dos estudos de Comunicação produzam excelentes pesquisas sobre comunicação enfatiza a necessidade de questionar, e cruzar, fronteiras disciplinares” (STREETER, 1995, p. 118). No entanto, é necessário observar em que medida há, de fato, um “cruzamento” de fronteiras ou apenas a importação de conceitos.

Considerações finais

Na área de Comunicação, o “acúmulo formidável de olhares angulados por toda uma variedade de objetivos, de objetos preferenciais, de fundamentos diversos”, como aponta Braga (2014, p. 14), apresenta-se na perspectiva desse “conhecimento aforístico”, como denomina o autor, no qual a dispersão e a unidade estão em contínuo tensionamento sem desligamento ou continuidade.

Observa-se um tensionamento entre a multiplicação de objetos estudados – não necessariamente “objetos de estudo” da área, o que sugeriria certa unidade (FELINTO, 2007; FRANÇA, 2001, 2014) –, com suas correlatas demandas conceituais e metodológicas, e o questionamento sobre sua pertinência à área. A multiplicação de objetos, conceitos, metodologias e aportes, se por um lado é um indício da riqueza da área, por outro, eventualmente, sugere

uma possibilidade de leitura na qual a dispersão, em última instância, implicaria seu desmantelamento ao redor de recortes específicos no qual circulam objetos materializados em práticas ou tecnologias.

É, talvez, nesse sentido que Fazenda (1991) entende a interdisciplinaridade não apenas como uma prática pedagógica ou proposta metodológica, mas uma atitude diante do conhecimento e do ato de saber. A interdisciplinaridade é um processo criativo, alicerçado na imaginação e no gosto pelo saber desprovido de fronteiras – e também na disposição da pesquisadora ou pesquisador em se deixar afetar, provocar e desestabilizar pelo contato com outros saberes.

A justaposição disciplinar não se confunde com interdisciplinaridade. Trata-se de pensar as possibilidades de trânsito entre disciplinas na Comunicação – não de várias disciplinas em trânsito insular pela área, em uma “dispersão”, nas palavras de Braga (2010), que não constitui efetivamente um pensamento interdisciplinar, mas uma “interdisciplinaridade ingênua”, novamente citando o autor (Braga, 2001).

Se é possível trazer para estas considerações um exercício de perspectiva, pode-se evocar quais seriam as impressões desse cenário tendo em mente a imagem de um observador externo ou de um neófito na área. A uma pessoa com formação em área completamente distinta que se aventurasse pelos caminhos de uma pós-graduação em

Comunicação, qual poderia ser a resposta diante da pergunta sobre o conceito de “Comunicação”? Um olhar sobre a produção da área, os livros teóricos, de pesquisas empíricas e trabalhos de interface poderia, eventualmente, sugerir a esse ou essa iniciante que, para estudar “Comunicação”, é neces-

sário conhecer Ciências Sociais, Semiótica, Política, Psicologia e toda uma gama de saberes correlatos que às vezes protagonizam estudos vinculados à área de Comunicação.

E talvez, nesse sentido, fosse possível esperar que um dia se supere a conclusão, algo irônica, de Cahoun (2011, p. 1490): “o estudo da Comunicação é um campo claramente interdisciplinar, mas o que isso significa não é nem um pouco claro”.

Referências

ALVES, A. Ciências da Comunicação, área interdisciplinar. **Comunicação e Sociedade**, Braga, n. 1, p. 5-18, 1999.

ALVES, A. Comunicação, interdisciplinaridade obrigatória. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE COMUNICAÇÃO DE EMPRESA, 11, 2000, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2000, p. 1-13.

BACHELARD, G. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOAVENTURA, K. T. O que é interdisciplinaridade? Um problema mal resolvido pela comunicação. CONGRESSO DA INTERCOM, 35., 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, UFC, 2012, pp. 1-15.

BOAVENTURA, K. T. **A comunicação e a perspectiva interdisciplinar: um mapa de definições, usos e sentidos do termo**. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF.

BRAGA, J. L. Constituição do campo da Comunicação. In: OHN, G. Et al. **Campo da Comunicação**. João Pessoa: UFPA, 2001. p. 11-39.

BRAGA, J. L. Disciplina ou Campo? O desafio da consolidação dos estudos de Comunicação. In: FERREIRA, J.; PIMENTA, F. J. P.; SIGNATES, L. (Organizadores.). **Estudos de Comunicação: transversalidades epistemológicas**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

BRAGA, J. L. Dispositivos interacionais. ENCONTRO DA COMPÓS, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011, pp. 1-18.

BRAGA, J. L. Um conhecimento aforístico. ENCONTRO DA COMPÓS, 23., 2014, Belém. **Anais...** Belém: UFPA, 2014, pp. 1-15.

CALHOUN, C. Communication as social science (and more). **International Journal of Communication**, n. 5, p. 1479-1496, 2011.

CHRISTINO, D. Epistemologia e comunicação: debatendo o objeto comunicacional. **Logos**, v. 19, n. 2, p. 71-81, fev. 2012.

CRAIG, R. Communication theory as a field. **Communication Theory**, v. 9, n. 2, mai. 1999.

CRUZ, M. T. A. Estética da recepção e a crítica da razão impura. **Revista Comunicação e Linguagens**, n. 3, 1986.

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1991.

FELINTO, E. Patologias no sistema da comunicação: ou o que fazer quando seu objeto desaparece. In: FERREIRA, G. e MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação**. Salvador, Ed. UFBA, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. In: MOTTA, Luiz Gonzaga; FRANÇA, V., PAIVA, R. e WEBER, M. H. (orgs.) *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: Editora UnB, 2001.

GUTIERREZ, A. G. **Desclasificados**. Barcelona: Anthropos, 2006.

HICKSON, M.; STACKS, D. Teaching the introductory communication theory courses to undergraduates. **Communication Quarterly**, v. 41, n. 3, p. 261-268, 1993.

LASORSA, D. L. Diversity in mass communication theory courses. **Journalism and Mass Communication Educator**, Vol. 57, no. 3, Autumn 2002, pp. 244-259.

LOCKER, K. The challenge of interdisciplinary research. **Journal of Business Communication**, v. 2, n. 31, 1994.

LOPES, M. I. V. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

LOPES, M. I. V. O campo da comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. **Revista Famecos**, n. 30, p. 16-30, ago. 2006.

LOPES, P. F. C.; MAGALHÃES, A. M. A comunicação e um de seus dilemas: a interdisciplinaridade. CONGRESSO DA INTERCOM, 35., 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC, 2012, pp. 1-13.

LOZANO A. C.; VICENTE M. M. La enseñanza universitaria de las Teorías de la Comunicación en Europa y América Latina. *Revista Latina de Comunicación Social*, n. 65, p 255-265, 2010.

MARTINO, L. C. Elementos para uma epistemologia da Comunicação. In: COHN, G. Et al. **Campo da comunicação**. João Pessoa: UFPB, 2001a. p. 51-76.

MARTINO, L. C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In: COHN, G. Et al. **Campo da comunicação**. João Pessoa: UFPB, 2001b. p. 77-90.

MARTINO, L. C. As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTINO, L. M. S. O diálogo entre fatores políticos e epistemológicos na formação do campo da comunicação no Brasil. **Folios**, v. 28, p. 159-175, 2012.

MARTINO, L. M. S. A disciplinarização da epistemologia na(s) teoria(s) da comunicação. **InTexto**, v. 29, p. 1-17, 2013.

MARTINO, L. M. S. Descontinuidades epistemológicas na teoria da comunicação: um estudo das taxonomias entre 1969 e 2011. **Logos**, v. 22, p.105- 120, 2015.

MARTINO, L. C.; BOAVENTURA, K. T. O mito da interdisciplinaridade. **E-compós**, v. 16, n. 1, jan.-abr. 2013.

MATTOS, M. A. Desafios para a formação e o reconhecimento da identidade teórico-epistemológica do campo comunicacional e seus agentes acadêmicos. In: FERRREIRA, G. M.; MARTINO, L. C. (Org.). *Teorias da comunicação*. Salvador: Edufba, 2007.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MORIN, E. **O método**. O conhecimento do conhecimento. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. v. 3.

ROSA, A. P. Comunicação: campo sem rosto. SEMINÁRIO DE EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO, 1., 2009, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: Unisinos, 2009, 176-186.

SHOLLE, D. Resisting disciplines: Repositioning media studies in the university. **Communication Theory**, v. 5, n. 2, p. 130-143, 1995.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUSA, J.; GERALDES, E. Um saber sobre tensão: as múltiplas visões sobre a origem, o objeto de estudos e o conceito da disciplina comunicação. **Razon y Palabra**, v. 14, n. 67, p. 1-22, mar.-abr. 2009.

STREETER, T. Introduction: For the study of communication and against the discipline of communication. **Communication Theory**, v. 5, n. 2, p. 117-129, 1995.

VILLARROEL VENTURINI, P. Problemas complejos e enfoques supra-disciplinários. In: SARTORI, R. B.; MUÑOZ, B. O.; SEPÚLVEDA, V. H. V. (Orgs.). **Diálogos culturales**: disciplinas para la comunicación. São Paulo: Annablume, 2007. p. 8-14.

WALLERSTEIN, I. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

DADOS DO AUTOR

LUIS MAURO SÁ MARTINO

Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP.

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0251927939615742>